

Fé, festa e fervor

Nesta aula

Nesta aula, trataremos da religiosidade popular no Brasil colonial. Falamos de cultura na aula passada e já aprendemos que a religião, além de ser um componente básico na cultura de qualquer povo, foi um elemento especialmente importante na formação cultural do Brasil escravista. Tendo em vista, de um lado, o poder da Igreja Católica e, de outro, as muitas tradições religiosas no Brasil colonial, como seria a religiosidade popular naquela época?

A Igreja Católica em tempo de expansão e conversão

As Grandes Navegações, que trouxeram os portugueses ao litoral brasileiro no ano de 1500, tinham uma justificativa religiosa e missionária: era preciso levar o cristianismo a todas as partes do mundo onde ele ainda não havia chegado, para converter e, portanto, salvar os que não conheciam aquela que era considerada a verdadeira fé.

Logo que os portugueses desembarcaram, houve a celebração da primeira missa, caracterizando, já de início, a religião que iria predominar na Colônia.



A necessidade e, principalmente, o **dever** de expandir a religião católica funcionou nessa época como um enorme estímulo à participação nas viagens dos descobrimentos. Existiam interesses econômicos nessa expansão, mas também havia uma fé real na importância do crescimento do número de fiéis da Igreja Católica.

O encontro com diferentes grupos indígenas que habitavam o Brasil causou surpresa e espanto aos navegadores portugueses, entre os quais estavam representantes da Igreja Católica. Logo essa surpresa deu lugar à determinação de converter todos os índios, considerados como infiéis, de acordo com a visão católica.

Do século XVI ao século XIX, o tráfico de escravos trouxe para o Brasil muitos africanos, retirados à força de suas casas, separados das famílias e de sua terra natal e tratados como mercadorias pelos traficantes de escravos.

Embora a Igreja Católica não combatesse a escravidão africana, passou a considerar os africanos cativos como almas que podiam ser salvas pela conversão. Muitas vezes, os escravos eram batizados antes de serem embarcados ou durante a sua sofrida viagem nos navios negreiros. Ou, então, recebiam o batismo na chegada ao Brasil, nos mercados de escravos ou na casa de seus senhores. Para os escravos, tornar-se cristão não era uma questão de escolha: antes mesmo de receberem as primeiras informações sobre a nova religião, eram forçados a aceitá-la.

A Igreja Católica chegou ao Brasil com os primeiros portugueses e, desde o início, assumiu uma atitude firme no sentido de fazer valer sua fé, suas regras e sua moral. Era uma Igreja que se via dentro de uma “guerra santa” contra todos os que não acreditavam nela. E, numa guerra, muitas vezes as armas são a violência, a repressão. Essa Igreja guerreira via como possíveis inimigos todos aqueles que não eram cristãos, e os combatia duramente. Porém, a realidade do Brasil colonial – cheio de índios, africanos, caboclos, mulatos e brancos não católicos – foi se mostrando de tal maneira viva e poderosa que acabou por transformar esses planos de “guerra santa”, que não eram só da Igreja mas também do governo português.

Índios e africanos tinham religiões próprias

Os grupos indígenas do Brasil, apesar de falarem línguas diferentes e de terem costumes diferentes, possuíam elementos comuns nas suas religiões, pois adoravam as forças da natureza, faziam cultos aos seus antepassados e acreditavam em deuses que protegiam suas atividades principais: a caça, a lavoura, a guerra. E realizavam festas para esses deuses com o objetivo de agradá-los ou agradecer-lhes algum benefício, acreditando na influência deles na sua vida cotidiana.

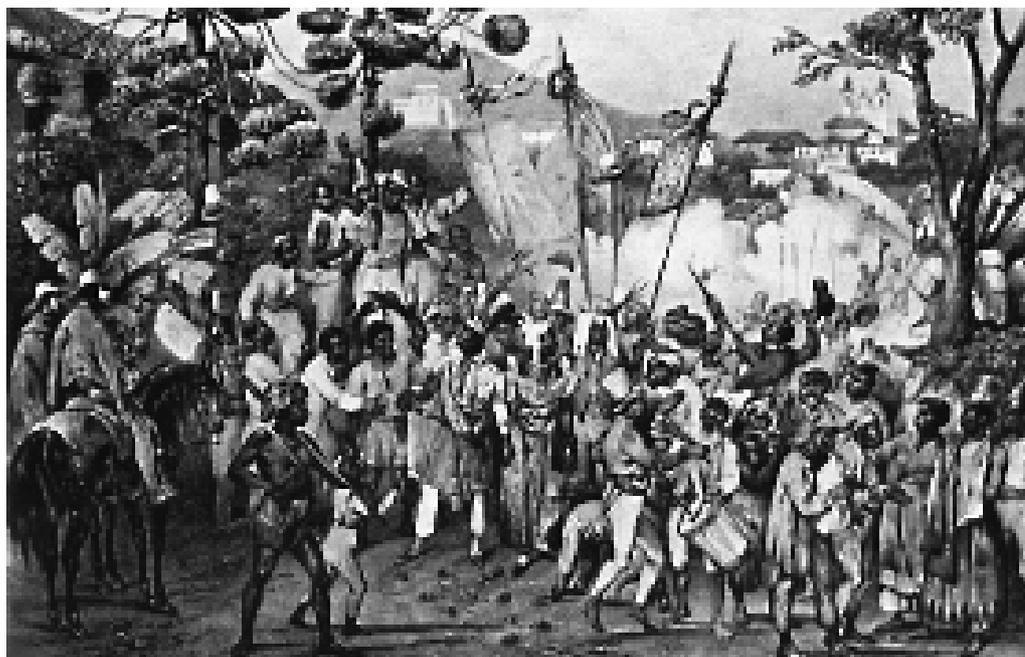
Os escravos negros trazidos para cá vieram de diversas regiões da África. Falavam línguas diferentes e estavam acostumados a viver de diversas maneiras. Na religião, também existiam grandes diferenças: havia escravos muçulmanos, que acreditavam em Maomé e adoravam o deus Alá; e havia uma maioria de cativos que adotava outras religiões.

Tais religiões acreditavam nas forças da natureza e em seus elementos, e sua fé estava voltada para o poder do espírito de seus mortos e para os deuses que um dia haviam sido humanos e que protegiam aqueles que nasciam com sua herança espiritual – os seus “filhos” na Terra.

Entre os portugueses que vieram para o Brasil no início da colonização (século XVI), também existiam diferenças sociais. Alguns poucos eram altos

funcionários do governo, representando o rei de Portugal; outros, igualmente em pequeno número, eram nobres que receberam terras no Brasil ou representantes de comerciantes ricos; havia alguns padres e uma maioria de portugueses pobres – agricultores, artesãos, que viam nesta terra uma possibilidade de melhorar de vida. E quase todos esses portugueses pobres trouxeram de sua terra uma forte fé católica, mas essa fé manifestava-se de uma forma diferente da fé dos seus patrícios ricos.

A Igreja Católica dos portugueses pobres era uma Igreja de festas religiosas com danças e músicas, e seus fiéis carregavam amuletos, santinhos e medalhas de proteção, valorizando muito os santos. E as histórias de vida dos santos estavam repletas de sentimentos e atitudes muito parecidos com os dos homens comuns ou cheias de acontecimentos mágicos e maravilhosos.



Nossa Senhora do Rosário era a padroeira dos escravos, que faziam festas animadas para ela.

A religião na vida social da Colônia

Esses grupos tão diferentes passaram a conviver no Brasil colonial, desde o século XVI. No começo não eram muito numerosos, com exceção dos índios. E a população estava espalhada pelas fazendas e pelas poucas e pequenas cidades. Nesses primeiros tempos de vida colonial, o ponto de encontro entre os habitantes do Brasil era a missa dos domingos e as festas religiosas que aconteciam durante o ano.

Essas comemorações, portanto, tornaram-se muito importantes para a vida das pessoas, principalmente as mais pobres. Esse era o espaço que existia para conhecer outras pessoas, fazer amizades, arrumar pretendentes e para se divertir e celebrar a vida.

Para os escravos, as missas e festas católicas eram, em geral, um momento de alívio para o sofrimento cotidiano e a possibilidade de um pouco de divertimento. Cada vez mais, os escravos foram transformando as festas católicas em festas deles, misturando suas formas de festejar, suas danças, seu jeito de cantar. Além de festejar os santos e o Deus dos cristãos, os escravos também cultuavam seus deuses antigos.

Mas esses cultos precisavam ser escondidos e, na maioria das vezes, disfarçados dentro do culto católico, que era a única forma de religião aceita. Ainda assim, apesar de toda a proibição, preservaram suas canções religiosas em línguas africanas e seus toques de tambores sagrados, os conhecimentos necessários para a sobrevivência das suas religiões e a força da fé que tinham nos seus deuses. Tudo isso foi mantido, passando dos pais para os filhos, dos filhos para os netos e adiante.

Os índios que foram integrados à sociedade colonial trouxeram de suas religiões também o gosto pelas festas vistosas e a crença em entidades da natureza, presentes nas florestas, nos rios e nas tempestades. Esses seres mágicos se misturavam à figura dos santos na imaginação dos indígenas e também passaram a fazer parte das muitas histórias que o povo criava e contava.

Deuses indígenas, deuses africanos e santos católicos: todos eles se misturavam no dia-a-dia do povo do Brasil colonial, criando um catolicismo próprio, de caráter mestiço, festeiro, resultado de toda essa mistura que se realizava sob o sol dos trópicos.

As irmandades: expressão do catolicismo popular e mestiço

Especialmente no século XVIII, uma antiga tradição portuguesa começou a crescer, ganhar força e também novos significados no mundo colonial: as irmandades religiosas. Tais irmandades eram associações de fiéis, os quais, sem serem padres ou religiosos de profissão, organizavam-se para render culto a um determinado santo, para o qual erguiam um altar dentro de uma igreja que já existisse e, principalmente, realizavam muitas festas e procissões em sua honra.



Os escravos se uniam para também criar suas irmandades, as quais organizavam desde festas e folias até enterros.

As irmandades dividiam-se do mesmo jeito que a sociedade colonial: havia, separadamente, irmandades de brancos, de pardos e de pretos.

Das irmandades de pardos, faziam parte negros e mulatos livres, que assim marcavam sua diferença em relação aos escravos e aos libertos.

Das irmandades de pretos, faziam parte escravos e libertos, especialmente os nascidos na África, para os quais a participação em uma irmandade significava uma forma de integração direta na vida religiosa, promovendo eles mesmos suas festas, procissões e cultos. Além disso, era também uma forma de se organizarem. Por intermédio das irmandades, eles se ajudavam, inclusive juntando ou conseguindo dinheiro para comprar a liberdade de seus membros.

Boa parte da religiosidade popular também era compartilhada por membros das elites. As procissões religiosas da época reproduziam a hierarquia da sociedade colonial. As irmandades de brancos, pardos e pretos reproduziam, no campo religioso, as desigualdades sociais.

Fé e festas

A riqueza que resultou da exploração do ouro tornou a sociedade colonial do século XVIII mais dada à ostentação e ao luxo. As irmandades religiosas, mesmo as de pessoas pobres, passaram a fazer suas festas com muitos enfeites, alegorias, bandeiras, tudo feito com tecidos vistosos, com muitas peças e detalhes dourados. Nos enterros, os membros das irmandades gastavam o dinheiro que tinham e que não tinham, contando para isso com a ajuda da família, dos amigos ou dos companheiros de irmandades, para realizarem cortejos fúnebres cheios de pompa. Também se costumava deixar, em testamento, dinheiro para ser gasto com as missas para a própria alma. E, quanto mais padres pudessem rezar essa missa, quanto mais cânticos tivesse, quanto mais enfeitada estivesse a igreja, melhor. Não só os ricos, mas principalmente os pobres, davam um enorme valor a essas cerimônias.

Por que será que isso acontecia? Por que tanta importância às festas para os santos, aos ritos fúnebres igualmente festivos, com tanta encenação, luxo e brilho? Por que se gastava tanto com essas cerimônias, a ponto de serem feitos sacrifícios durante toda a vida para cobrir seus gastos?

Há muitas explicações válidas e a história da formação do povo brasileiro na época colonial mostra muita coisa...

Em primeiro lugar, as pessoas acreditavam que, dessa forma, agradavam a Deus e mais ainda, aos santos de sua devoção.

Isso ainda é assim até hoje. Quem não viu, não se lembra ou não ouviu falar de festas de São João ou Santo Antônio bem animadas, bem enfeitadas, com muita fartura e muito colorido, em cidades de gente muito pobre, que gasta todas as suas economias para homenagear os santos? E as Folias de Reis, as Folias do Divino, que o povo do interior faz tanta questão de celebrar, mesmo em tempos difíceis?

Em segundo lugar, o destaque dessas festas, fosse para os santos, fosse para homenagear um morto, dava importância a quem as promovia e a quem era homenageado. Ora, numa sociedade tão desigual e opressora, tornava-se fundamental ganhar um espaço digno, pelo menos por meio da religião, principalmente no caso da grande maioria de pobres e escravos. E como garantia, acreditavam também, tudo representava uma bênção e uma boa passagem para a outra vida. O que era muito desejado, para compensar a vida tão dura neste mundo.

Mas nem tudo era catolicismo na sociedade do Brasil colonial no século XVIII... A religiosidade popular era muito variada. As religiões que vieram da África permaneceram no conhecimento do povo, embora estivessem escondidas das autoridades. Muitas senhoras e senhoritas brancas, que iam à missa aos domingos e se diziam católicas fervorosas, freqüentavam adivinhos e sacerdotes dos cultos de origem africana para ouvir conselhos e pedir consolo para suas aflições. E entre os negros – escravos ou libertos – era mais comum ainda a fé e o culto aos deuses de seus antepassados.



No século XIX, em nome do progresso e da civilização, cresceria a oposição aos excessos das festas religiosas populares e aos costumes de enterrar os mortos nas igrejas das irmandades. Os primeiros cemitérios públicos do país foram construídos nesse século. Também a Igreja Católica tentaria disciplinar as manifestações religiosas, separando festa e fervor.

O tempo
não pára

Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula. Sublinhe as palavras que não entendeu e procure seu significado, no dicionário ou no vocabulário da Unidade.

1. Releia ***A Igreja Católica em tempo de expansão e conversão*** e retire do texto os objetivos religiosos da expansão europeia na América.
2. Releia ***Índios e africanos tinham religiões próprias*** e identifique as tradições religiosas indígenas, africanas e europeias que estavam presentes no início do processo de colonização portuguesa no Brasil.
3. Releia ***A religião na vida social da Colônia*** e retire do texto um parágrafo que resuma as diversas contribuições que formaram o catolicismo colonial.
4. Releia ***As irmandades: expressão do catolicismo popular e mestiço e Fé e festas*** e explique com suas palavras o que era uma irmandade e como elas se organizavam.
5. Dê um novo título a esta aula.

Exercícios

Fazendo a História

Na Folia do Divino cantavam-se os seguintes versos:

*“O Divino Espírito Santo
É um grande folião
Amigo de muita carne,
Muito vinho e muito pão.”*

Versos da “Festa do Divino”, registrados por Melo Morais Filho em seu livro *Festas e tradições populares do Brasil*, citados por João José Reis ao falar dos festejos religiosos no século XVIII, na Bahia.

Agora, responda:

1. Lendo estes versos, que idéia eles passam para você, sobre o Divino Espírito Santo?
2. Será que esta maneira de falar sobre os gostos do Divino Espírito Santo correspondia à imagem que a Igreja Católica procurava divulgar naquela época?
3. Como você explica essa diferença entre a maneira que o povo tinha de falar sobre o Divino Espírito Santo e a visão da Igreja?

